

CONCEITO DE COMUNICAÇÃO

Renato Lopes Pereira¹

RESUMO: Um conceito constitui-se de pensamentos que formulamos em nossas tentativas de conhecer e significar algum aspecto pertencente e instigante da realidade que nos circunda. É um constructo que parece se expandir a medida em que o pesquisamos. Entendemos a comunicação como um conceito globalizante, no sentido de que ela engloba outros conceitos distintos que atuam em seu interior como componentes que se engendram uns aos outros e a constituem enquanto tal. Por essa razão, tais componentes não devem ser negligenciados ou tão pouco priorizados sobre o próprio conceito de comunicação se queremos buscar o que há de propriamente comunicacional naquilo que pesquisamos. Mas o que de fato o conceito de comunicação vem a sintetizar relativo a estes componentes? Quando estes componentes se tornam algo propriamente da comunicação?

PALAVRAS CHAVES: conceito, comunicação, epistemologia da comunicação.

ABSTRACT: A concept is constituted by thoughts we create in our attempts of knowing and giving a meaning to any aspect of a reality that surround us. It is something that seems to expand as we study it. We understand communication as a globalized concept, in the sense that it involves other different concepts that act in it's interior as parts that complete the whole thing hence, the idea of globalized concept. Because of that, these components should not be neglect or have a priority about the communication concept if we want to seek what is specific of the communication on what we study. What does the concept of communication really encapsulate according to these components? When do these components become something specifically of communication?

KEYWORDS: concept, communication, epistemology of communication.

¹ Renato Lopes Pereira é mestrando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), pós-graduado em Mídia Eletrônica: Rádio e TV e graduado em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda ambos pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH).

O SUJEITO

Geralmente utilizamos a palavra sujeito para que possamos nos referir a uma pessoa dotada da capacidade de pensar e significar as ações que apreende e desenvolve nas relações que estabelece com o mundo que habita – as pessoas, os objetos, as culturas, as sociedades, as intuições, os tempos e os espaços com os quais aprende a conviver.

Um primeiro reconhecimento sobre os sujeitos relativo a comunicação é o de que eles se comunicam em virtude de desejos, vontades, pulsões, necessidades, decisões e deveres que clamam o estabelecimento do ato comunicativo para supri-los. A prática comunicativa ocorre e é sempre dependente do envolvimento dos sujeitos para se dinamizar, como um jogo capaz de se acalorar conforme a intensidade com que os sujeitos se envolvem uns com os outros deixando suas marcas, posições e escolhas que assumem na comunicação. Cabe ressaltar que tal envolvimento pode se dar entre dois sujeitos, entre um sujeito e um coletivo, entre coletivos de sujeitos, entre um sujeito e um objeto (que lhe comunica algo) ou através de tecnologias que servem de mediações entre sujeitos diversos possibilitando que a comunicação ocorra apesar das adversidades do espaço e do tempo.

Outra ressalva, desta vez tomando as interpretações que realizamos sobre o trabalho de José Luiz Braga, é que entre sujeitos a comunicação pode se articular: sobre o diferido em ambos os sentidos que essa palavra expressa, isto é, os sujeitos podem mobilizar tanto assuntos discutidos em momentos distintos que resgatados ou prorrogados de uma outra ocasião tornam a ser rediscutidos, como também constituem a comunicação sobre as discordâncias dos pontos de vistas que cada um tem, ponderando e deliberando sobre as questões tratadas; sobre o difuso em um sentido no qual reconhecemos a comunicação como prática potente capaz de propagar e espriar assuntos para diferentes lugares e diferentes pessoas.

Um segundo reconhecimento sobre a comunicação relativo aos sujeitos é que toda tentativa de se comunicar é um risco para ambos os comunicadores. É um risco, porque esse Outro com quem um sujeito procura se comunicar é sempre um desconhecido para ele. Mesmo que o sujeito tenha um mínimo de conhecimento sobre esse Outro, nunca pode se saber completamente que pensamentos e sentimentos ele carrega para o momento da comunicação ou como poderá agir durante sua ocorrência. No entanto, parte deste

desconhecido recai não apenas no Outro com quem um sujeito se comunica, mas sobre ele mesmo: durante a comunicação muitos dos pensamentos e sentimentos que constituem a realidade psíquica e o modo de ser do sujeito são capazes de se tornarem conscientes em suas ações, o que não necessariamente implica em dizer que eles se farão presentes de forma absolutamente clara, isto porque há sempre um conflito de forças mentais, conscientes e inconscientes, que reprimem certos comportamentos que o sujeito possa vir a realizar (FREUD, 2006). Comunicação neste sentido envolve por parte dos sujeitos o reconhecimento da alteridade, isto é, de que este Outro é diferente e complementar a ele, por mais que compartilhem condições humanas, sociais e culturais similares.

Por essa mesma razão aprender a ler o comportamento do Outro, vem a ser uma forma de precaução e de antecipação de possíveis comportamentos dos sujeitos durante a comunicação. É por ser uma prática de risco e conflituosa que na comunicação o exercício da sociabilidade, como por exemplo a destreza com o senso de tato e com a capacidade de ser agradável e cordial em uma conversa se fazem importantes para construção de uma comunicação um pouco mais “amena” – e no entanto elas nunca eliminam o risco de lidar com o desconhecido.

Quando em comunicação e mais propriamente quando assumem a responsabilidade por este ato, os sujeitos mobilizam bom senso, racionalidade, sensibilidade e saberes sobre o próprio mundo que compartilham como subsídios para forjar as matérias a serem discutidas, negociadas durante a prática. Quanto maior a popularidade (sua visibilidade no plano social), a capacidade de auto-apresentação, o *status* social (a forma pela qual uma pessoa se percebe em relação aos outros, bem como seu reconhecimento no plano social) no mundo em que ambos os sujeitos em comunicação habitam, somadas a suas competências sociais e capacidade de articulação (verbal, gestual, comportamental, intelectual) dentro da comunicação, maior será a sua credibilidade perante ao Outro com quem se comunica.

Sonia Regina Vargas Mansano (2009) ao se apoiar em Gilles Deleuze ressalta que a evidente unidade que normalmente atribuímos ao sujeito é um equívoco. Deleuze nos apresenta um conceito de sujeito em um dinâmica de experiências das quais está submetido o ato de viver, isto é, os sujeitos se constituem em seus diferentes encontros no mundo em que vive. Mansano (2009), reforça que Deleuze baseando-se nas obras de Michel de Foucault acreditava que a vida ocorre em um campo problemático e complexo, que os diferentes

encontros podem ser tomados como forças que afetam o sujeito de diferentes maneiras perturbando a organização que convencionamos chamar de eu ou identidade. A partir dessas considerações Deleuze, de acordo com Mansano (2009), insiste que o sujeito está envolvido nesse campo de forças que trata-se de uma relação de enfrentamento com as situações, com as pessoas, etc. A comunicação é uma das inúmeras práticas que fazem parte desses encontros – sendo por vezes indispensável para que estes ocorram – em que o sujeito constitui-se a cada atitude de enfrentamento que exerce sobre sua própria pessoa, aos Outros e as próprias circunstâncias em que está envolvido.

A partir destas considerações primárias percebemos que o conceito de comunicação sintetiza uma prática: que acontece no envolvimento entre sujeitos por razões objetivas e subjetivas (íntimas do sujeito) e que pode se articular de forma diferida e difusa; que é conflituosa em uma atitude de enfrentamento do sujeito consigo e com o Outro que sempre é um desconhecido – implica o reconhecimento da alteridade; que necessita e se dinamiza nos modos como ambos os sujeitos – em comunicação – utilizam-se da sua capacidade crítica e social para construção comunicativa.

A LINGUAGEM

A linguagem é geralmente concebida como uma atividade necessária a associação humana que perpassa e é engendrada pelo pessoal, o social, o cultural e o histórico veemente estudada por diferentes campos como os: da filosofia, da comunicação, da linguística, da semiologia, da semiótica e da psicanálise. Relativo a comunicação, a linguagem proporciona uma virtualidade ao servir-se de lugar para que uma interação afetiva entre sujeitos seja capaz de realização e atualização. Neste sentido a linguagem se configura como um *médium*, não como “meio” ou “veículo”, mas como lugar ao qual os sujeitos adentram para conferir sentidos as suas expressões internas e as expressões comunicadas pelo Outro com quem se relaciona. Desta forma, a interação afetiva da qual falamos trata-se sobretudo da capacidade de ambos os sujeitos mutuamente afetar e serem afetados pelas próprias expressões que formulam durante a comunicação.

É preciso elucidar, no entanto, que não devemos pensar a linguagem como “instrumento” ou “representação”, pois as operações que os sujeitos realizam dentro desta não correspondem apenas em práticas de concatenar palavras, gestos, imagens, entre outros, de

forma a dar sentido as suas próprias expressões e as do Outro com quem se comunica. Primeiro, porque cada um desses elementos que a linguagem acolhe, contém sentidos e especificidades próprios e por esta razão moldam a forma como um sujeito opera dentro da linguagem. Posto de outra forma, o sujeito é modelado pelos sentidos que esses elementos significam e somente porque os compreende e tem familiaridade com os mesmos que consegue se organizar na linguagem. Ao mesmo tempo, o modo como os sujeitos compreendem esses elementos, e principalmente as coisas que eles representam, que também conseguem moldar os sentidos destes elementos em suas operações na linguagem. Isto é, a partir daquilo que conhecem e experienciam do mundo, que os sujeitos são capazes de aproximar tais conhecimentos e experiências a esses elementos e formular outros sentidos que ultrapassam aquilo que convencionalmente eles (os elementos) expressam.

Segundo porque são operações complexas e engenhosas que se configuram como tentativas do sujeito de traduzir as suas expressões internas e as afetações do Outro não apenas de forma intelectual. Expressar e interpretar não são práticas levianas que se dão facilmente, é sempre preciso um cuidado para não cometer atos insensatos com nossas próprias expressões e com as expressões que o Outro comunica. Tampouco, expressar e interpretar passam sempre ou somente por um trabalho racional, há sempre a possibilidade dos sujeitos deixarem escapar determinados sentidos subjetivos que contaminam sua produção na linguagem – sentidos que eles nunca gostariam que esse Outro soubesse. Sobretudo, não podemos nos esquecer que o inconsciente também se derrama sobre a linguagem em forma de atos falhos, chistes, guagueiras, etc.

Conforme Luciene dos Santos (2010) em um processo de comunicação estabelecido ocorre por vezes um desacordo entre as partes dos sujeitos envolvidos, e por isso tal situação é interpretada como uma comunicação mal sucedida, ressaltando a inabilidade de um dos falantes de construir significantes precisos para aquilo que desejam expressar. No entanto, Santos (2010) argumenta que podemos girar essa leitura e verificar que no ato comunicacional é possível que se estabeleçam tensões entre os sujeitos quando as intenções, sejam elas conscientes ou inconscientes de um dos sujeitos envolvidos, não correspondem necessariamente com as intenções deste Outro na situação comunicativa. Ou seja, o campo da produção dos sentidos a partir dos investimentos emocionais, perceptivos e intelectuais de diferentes indivíduos podem coincidir, mas não necessariamente são iguais. Isso se

considerarmos que cada sujeito está imerso em uma cadeia de ligações mentais de significações construídas a partir de suas próprias experiências vividas, experimentações práticas, anseios e desejos, realidades sócio-históricas e marcas traumáticas (SANTOS, 2010).

A partir daquilo que o sujeito pensa e percebe – um pensar e um perceber interno, mas também um pensar e um perceber externo, pois deve pensar e perceber este Outro com quem se comunica, bem como as circunstâncias em que se encontra – alimenta e altera seu modo de constituição na linguagem com determinadas formações que forjou – ou forja – tanto nas relações com seu mundo exterior (as experiências obtidas nos diferentes encontros com as pessoas, objetos, etc.), quanto nas relações com seu mundo interior (as suas intelecções e emoções). O sujeito se esboça e se articula no interior da linguagem sem que para isso ela necessite se manifestar fisicamente (sons, gestos, etc.) e tampouco é dependente de tal exprimibilidade. Júlio Pinto (2002, p. 9), compreende a linguagem como “algo que transcende um ente, mas que precisa dele para ser pensado”. Entende que não se pode “pensar, não se pode expressar, não se pode comunicar” (PINTO, 2002, p. 10) sem a linguagem, porque ela é “o lugar de instanciação dos sentidos, segundo os princípios e regras formulados dentro dela mesma de acordo com o contexto ético-sócioculturais por ela mesma descrito” (PINTO, 2002, p. 10). É a linguagem “que nos inclui no mundo das coisas (a realidade que ela constitui para nós), mas nos exclui do mundo das coisas (a que nunca temos acesso). A linguagem faz com que toda essa realidade seja por assim dizer virtual” (PINTO, 2002, p. 9). De qualquer forma, ao adentrar na linguagem os sujeitos mobilizam uma variedade de materialidades e imaterialidades do mundo que conhecem para se comunicarem.

Cabe no entanto dizer que a linguagem não é tudo como se nada lhe escapasse: “A questão aqui não é exatamente a do inexprimível, o indescritível, da irrepresentabilidade, mas a do intraduzível, do ilegível, daquilo que a interpretação não pode fechar” (MARCONDES, 2004, p. 291). Sempre há ou pode haver algo de desconhecido, insondável e intraduzível nos próprios sujeitos, no mundo e em todas as coisas com as quais se relaciona.

Outros conceitos e práticas tem uma relação estreita com a linguagem e apropriados com frequência em estudos da Comunicação: o discurso e o enunciado. Ambos, discurso e enunciado não são a linguagem, mas necessitam desta para se constituírem. Entendemos que o discurso é uma prática formulada por algum sujeito em momentos específicos de um determinado contexto comunicacional, sócio-histórico e sócio-cultural, mas

sem no entanto ficar restrito a estes, reconhecendo sua capacidade de circular pelo mundo a medida que se espraia e reverbera sobre ele (o mundo). Por enunciado, por sua vez, entendemos como uma unidade de um discurso realizado por um sujeito, isto é, o enunciado está sempre amalgamado a produção discursiva (BAKHTIN, 1992) – que só se dá a partir da articulação de um sujeito dentro da linguagem.

O conceito de comunicação sintetiza uma prática em que a linguagem lhe é vital, isto é, para colocar suas expressões internas em comunicação os sujeitos adentram no universo de sentidos que a linguagem possui que tanto modelam as operações que eles realizam dentro da realidade intermédia que ela (a linguagem) constrói e no qual a interação afetiva entre os sujeitos envolvidos se dá, quanto e no qual a interação afetiva entre os sujeitos envolvidos se dá. Mas especificamente relativo a linguagem, a comunicação enquanto conceito sintetiza o modo como os sujeitos se apropriam da linguagem para desenvolver seus discursos e enunciados buscando o modo de organização dos sentidos através dos gestos, palavras e imagens que o sujeito mobiliza ao se articular na linguagem; quais as possibilidades de interpretações possíveis a partir das expressões que comunica, e quais afetações os sentidos formulados proporcionam sobre os sujeitos que se comunicam.

INTERAÇÃO E EXPERENCIAÇÃO

Interação e experiencição são coisas diferentes e no entanto quase sempre andam de mãos dadas. Interação refere-se a uma atividade baseada e constituída nas ações mutuamente – nem sempre em sintonia, mas por vezes em desequilíbrio e variáveis – desenvolvidas pelos sujeitos. Experiencição, por sua vez, refere-se tanto as experiências despertadas e instigadas em um sujeito quanto ao modo como os sujeitos formulam a ação de experimentar. Dependendo do grau da interação a potência de gerar poderosas experiências varia conforme a sensibilidade dos sujeitos e a situação.

Nem toda interação e experiencição são propriamente comunicacionais, e no entanto, não existe comunicação sem interação e experiencição. Quando em comunicação um sujeito é capaz tanto de exercer ações quanto é vulnerável as ações de outras pessoas. O seu corpo, sede da experiência pelo qual o sujeito sente, pensa e age, não é inerte em sua relação afetiva com outras pessoas, objetos e as situações em que estão inscritos: ele entrecruza as sensações, os perceptos em um redemoinho que as condensa, que mobilizam ou

não a memória, mas se constituem enquanto uma experiência, mesmo que não a nomeie de tal forma. Em John Dewey encontramos um trecho muito valioso as considerações que levantamos acima:

Para uma grande parte de nossa experiência... as coisas se produzem sem serem realmente incluídas, nem excluídas categoricamente; vogamos à deriva. Há começos e fins, mas não iniciações ou conclusões. Uma coisa toma o lugar de outra, mas não há assimilação, nem prossecução do processo. Há experiência, mas tão informe e desconjuntada que ela não constitui uma experiência (DEWEY *apud* QUÉRÉ, 2012, p.37).

Na comunicação, enquanto processo prático de interação e experienciação os modos de subjetivação exercem forte presença – precisamente práticas de constituição do sujeito. É muito comum que ao se comunicarem os sujeitos assimilarem e adquirirem conhecimentos em suas relações com o Outro, proporcionando atividades sobre si mesmos que oferecem a possibilidade de transformar seu próprio ser. Há, contudo, experiências forjadas na comunicação, que nem sempre passam pelo filtro crítico de uma pessoa, ficando presas nos cantos mais profundos do seu ser. Mesmo assim, a postura crítica ainda é um elemento importantíssimo a essa pessoa quando em comunicação, pois permite a ela construir pensamentos sobre tudo aquilo que a instiga e a mobiliza. Desta forma “além de nos fazer sentir, comunicação também nos faz pensar, ou nos força a pensar” (MARCONDES, 2004, p. 10).

De acordo com a situação, o modo de interagir modifica o modo de experienciar e a direção que a comunicação irá tomar. Aqui performance é um elemento que não devemos negligenciar. Cada forma de dispor os elementos apropriados pela linguagem (as maneiras de se falar, escrever, desenhar, significar, etc...), a aparência física, a forma como corpo se move ou se posiciona, a compostura do pensar e refletir, a predisposição do ouvir e do intervir quando necessário, os diferentes tons de voz, a forma e os movimentos do olhar constroem sentidos para um sujeito perspicaz. O prazer e o desprazer, o acaso (o inesperado) e o descaso (a desatenção e/ou falta de respeito) de um sujeito durante a prática comunicativa são variáveis imprecindíveis que modificam suas próprias performances e as alheias.

Caso a interação e experienciação ocorra na relação entre sujeito e um objeto, cada elemento que esse último possui, deve ser observado e pensado minuciosamente, pois

todos os seus detalhes são partes que compõe a totalidade do objeto – sem um dos detalhes a experiência formulada na interação com o objeto poderia fornecer um sentido diverso da formulada com o objeto em sua totalidade². Por isso é tão importante visadas diferentes, pois cada uma tem a potência de revelar os segredos que o objeto possa ocultar em sua relação com o sujeito. Mas deixar o objeto falar e se mostrar também é importante, isto é, por vezes, o sujeito deve suspender o que há de acomodado em seu interior para estar desperto as novidades que o objeto possa lhe contar.

As formas de se interagir são múltiplas algumas feitas com o auxílio de tecnologia outras não, mas cada uma com suas propriedades específicas podem proporcionar momentos de experiência distintos. Mas quando de fato uma interação se torna propriamente comunicativa? Acreditamos que a interação torna-se própria a comunicação quando os sentidos os posicionamentos desenhados em uma relação tornam-se em um campo compartilhado não apenas a ser experienciado, mas a ser jogado pelos sujeitos em conjunto a partir de ações, interpretações, experimentações, ponderações, discussões e deliberações.

A comunicação investida como conceito sintetiza relativo a interação e a experiência o desempenho prático, intelectual e sensível na prática comunicativa. Mas também refere-se tanto aos processos subjetivação, quanto aos modos de construção e apreensão de sentidos proporcionados na ocorrência da comunicação.

AS CIRCUNSTÂNCIAS

A palavra circunstância em seu sentido plural e bem amplo sugere aqui as particularidades, condições, situações ou contextos que agenciam os sujeitos em uma determinada prática comunicativa. Devido ao número infindável de circunstâncias que podem agenciar os sujeitos, analisaremos as mais essenciais. Uma primeira é o próprio espaço.

Michel Foucault (1984) em sua conferência no Círculo de Estudos Arquitetônicos intitulado *Outros espaços*, propunha que o espaço consiste em uma heterogeneidade de relações no qual vivemos, que age sobre nós, mas pelo qual também agimos, experienciamos e firmamos nossos posicionamentos. Foucault (1984) entendia que o espaço como um lugar

² Obviamente trata-se de uma situação ideal a qual perseguimos dar conta do objeto em sua totalidade, algo que jamais será alcançado.

físico portador de cenários geográficos, arquitetônicos, históricos, sociais e culturais nos contamina e é contaminado por meio das imaginações e ações fundadas na relação que os sujeitos tem com ele. Em outras palavras, o espaço nos convida a viver uma espacialidade: o movimento sobre o qual experienciamos o espaço. Milton Santos (1988), por sua vez, entendia que o espaço como a integração entre fixos e fluxos, isto é, entre a configuração territorial e as relações sociais. É um espaço, que para Santos (1988), é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, inter-mediados pelos objetos, naturais e artificiais que ele acolhe.

Quando em comunicação os sujeitos vivenciam o espaço em que se comunicam e ao mesmo tempo, se vem agenciados pelas condições que ele proporciona no desenvolvimento da prática. Por exemplo, se o espaço contém um cenário agradável (como belas paisagens geográficas, salas organizadas, etc), os comportamentos dos sujeitos são diferentes na comunicação se essa estivesse ocorrendo em um cenário mais desagradável (com um esgosto a céu aberto, em determinadas alas hospitalares, etc).

Outra consideração importante é que a forma como o sujeito percebe sua visibilidade no espaço físico aciona sua consciência do que pode ser feito e dito em público ou daquilo que deve ser resguardado na privacidade, podendo assim alterar o curso da comunicação. Por exemplo, se o espaço é aberto e permite o acesso para que outras pessoas possam ver as ações que os sujeitos em comunicação elaboram o comportamento destes durante a prática seria diverso se a comunicação entre ambos estivesse ocorrendo em um espaço fechado que ocultasse as ações que viessem a desenvolver. Público e privado são duas fronteiras que se entrecruzam sem cessar, pois sem a consciência social e cultural do que pode ser feito em público não haveria consciência do que deve ser resguardado na privacidade e o mesmo acontece quando invertemos os pólos. É justamente porque esta consciência existe que designamos determinados lugares como propriamente público ou privado. Um lugar não é o espaço, mas:

... uma porção do espaço apropriado por qualquer pessoa ou grupo como 'deles', mas esta apropriação não envolve regras ou submissões (pelo menos não escritas ou impostas). Ela é definida por uma apropriação afetiva ou uma projeção de valores culturais em uma determinada porção do espaço (FIRMINO, DUARTE, 2010, p.31).

É preciso elucidar que os ambientes digitais são também espaços físicos, pois estão ligados a uma materialidade física tanto no sentido de que necessita de um aparato tecnológico para seu desenvolvimento, quanto da apropriação social e individual por parte dos sujeitos. O que precisamos saber é que cada espaço tem suas especificidades; tanto as experiências dentro de cada espaço podem ser diferentes não impedindo que os sujeitos encontrem similaridades entre um e outro espaço, como também que cada um deles a sua maneira tem a capacidade de afetar a comunicação entre os sujeitos.

O tempo é a segunda circunstância que devemos considerar relativo a prática comunicativa. Nas Confissões XI, Santo Agostinho entende que o tempo não se configura apenas como uma sucessão de instantes separados, mas se apresenta enquanto um contínuo indivisível sem a separação de um “antes” e “depois”. O filósofo se convenceu de que era muito mais adequado “...dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras” (SANTO AGOSTINHO, 1956, p. 248). Sob esse aspecto o tempo mobiliza a memória dos sujeitos em “lembranças presente das coisas, visão das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras” (SANTO AGOSTINHO, 1956, p. 248). Jacques Le Goff (1995) entretanto considerava que em uma civilização podem coexistir muitos “tempos” diferentes argumentando que o próprio tempo traz em seu escopo uma série de fatores historicamente construídos e denota que em cada época os sujeitos são convidados a vivenciar uma temporalidade – a experiência com um tempo – característica a ela. Luiz Rohden (2006), por sua vez, apresenta a existência duas outras formas de apreensão do tempo:

Falamos também de tempo *objetivo* e *subjetivo*. Aquele é o tempo público, social, [cosmológico], controlado pelos calendários, relógios, medido e reconhecido universalmente; o tempo *subjetivo* é privado, pessoal, [tempo psicológico], a experiência que dele cada um faz particularmente, incapaz de ser submetido aos parâmetros da objetividade científica para quem, inclusive, deve ser eliminado (ROHDEN, 2006, p.59 – grifo do autor).

A partir destas reflexões consideramos que na ocorrência da comunicação o tempo nunca é somente “... todo tempo presente. Esse tal verá o passado e é impelido pelo futuro e que todo futuro está precedido em um passado...” (SANTO AGOSTINHO, 1956, p. 242) da

mesma forma que todo passado e futuro estão ligados a um presente. É um tempo que na comunicação está acompanhado do sócio-histórico, do clima de uma época que remonta o passado e olha para o futuro, movimentando a memória dos sujeitos e contaminando a forma como se comunicam. A comunicação entre os sujeitos depende das relações que ambos tem com o tempo objetivo e com o tempo subjetivo, considerando a soma de circunstâncias que altera sua percepção dos mesmos.

Mas há determinadas ocorrências no tempo que demonstram saliência, que tornam-se destaque e levam os sujeitos a se comunicarem tendo-o como referência. O acontecimento é uma outra circunstância que atravessa e impregna a comunicação. Louis Quéré (2005) denota que o acontecimento é algo localizável no tempo e no espaço sem que este fique preso a estas duas circunstâncias. O “ verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém” (QUÉRÉ, 2005, p.61). É justamente porque tem potência de afetar os sujeitos que os incita a se comunicarem tendo-o como referência. Mas Quéré (2010) nos alerta que tal potência do acontecimento não se dá apenas pela sucessão de eventos que o desencadearam ou que o irão suceder após sua ocorrência, mas da forma como os sujeitos o percebem, da forma como irão experienciá-lo e da maneira como os sujeitos em comunicação o tratam enquanto assunto de suas conversas. Há acontecimentos coletivos, globais e locais, que afetam em grande parte uma coletividade de pessoas, mas há também aqueles de natureza mais individual que surgem em algum momento na vida de uma pessoa e a afeta particularmente. O acontecimento agencia o sujeito porque dependendo da sua capacidade de afetação pode alterar o curso de sua posição perante o mundo que habita.

O sócio-cultural é outra circunstância que demanda a capacidade de se comunicar e agencia os sujeitos. Uma pessoa em determinada civilização humana é constituída culturalmente pela construção e atualização de costumes sejam eles de ordem moral, ética, religiosa ou da práxis. Mas também socialmente pelo jogo de ações, interações e comunicações em relação a sociedade em que vive. As instituições que atualizam e engendram o sócio-cultural, como por exemplo, aquelas de natureza familiar, educadora, religiosa, artística, ambiental, política, econômica, midiática, tecnológica e militar, são agentes exponenciais que podem alterar os modos de ser, pensar e agir dos sujeitos – seja na condução de suas ações individualmente ou coletivamente. Mas reconhecemos que estas

instituições também sofrem alterações vindas dos jogos interativos e relacionais desses sujeitos em comunicação. Isso ocorre pelo poder, que cada uma delas pode oferecer, seja por um período curto ou longo de tempo, aos membros de um grupo sócio-cultural e pelas forças de poderes que podem ser constituídas nas diversas tramas e laços sociais instaurados entre os sujeitos comunicacionais.

A vida de uma pessoa é sempre uma situação autobiográfica imbricada e engendrada por inúmeras outras biografias – pertencentes as outras pessoas – que são determinadas pelo mundo e determinantes do mundo em que vivem. O mundo é sempre algo compartilhado, vivenciado e interpretado cotidianamente pelas pessoas que o habitam – repleto de comunicações que as pessoas realizam em seu interior para compreendê-lo e fazê-lo dinamizar. Mas não podemos esquecer que a comunicação, constitui-se também em uma experiência compartilhada que pode tanto ser desenvolvida para fins de cooperação, quanto para os de dominação ou ordem. Sob esse prisma o sócio-cultural e as instituições que ele acolhe, não apenas são reproduzidos a todo momento pelos sujeitos em interação e comunicação, mas como ambos produzem esses mesmos sujeitos por meio da materialização de valores e práticas que regulam os indivíduos e que de um modo ou de outro contaminam a formação da sua personalidade.

A ordem sócio-cultural não entra sempre em conformidade com as escolhas de um sujeito o que resulta em uma angústia para este último que deve suprimir vontades e desejos em função da ética social a qual foi ensinado e que de tal modo orienta suas formas de pensar e agir. Em diferentes análises de seus pacientes, Sigmund Freud conforme relata nas *Cinco Lições de Psicanálise* (1969), se apercebeu que em todos os casos havia a presença de um “desejo violento” incompatível com aspirações morais e que por isso culminavam no desprazer e na angústia do paciente. Segundo Freud (1969) o engendramento de um processo de repressão dos desejos e da supressão de traumas é estimulado dinamicamente pelo conflito de forças mentais, conscientes e inconscientes que podem ocorrer sobre o campo das experiências formuladas em vida pelos sujeitos e interiorizadas em seus pensamentos e ações. Experiências que não devem ser entendidas como algo que se acumula em uma pessoa, mas como laços profundos, alguns perceptíveis e outros não, que acabam por se entrelaçar com os modos de ser do sujeito. A relação do sócio-cultural e do sócio-histórico com seus indivíduos é sempre complexa, principalmente porque o humano é complexo e complexifica quase tudo

com que tem contato; pois ao mesmo tempo que constrói valores para seu desenvolvimento pessoal e/ou social sofre de pulsões, desejos e vontades que visam transgredí-las.

Outra circunstância que de fato necessita da comunicação, mas que ao mesmo tempo a complexifica é a questão que ao longo da história humana sempre nos associamos por meio de redes que auxiliaram na sobrevivência de nossa espécie. Começamos o fenômeno da rede nas primeiras associações entre grupos que permitiria o desenvolvimento de atividades necessárias a manutenção da vida. Com o avanço das tecnologias de transporte e comunicação, as redes de associação humana se expandiram alcançando os pontos mais remotos do mundo permitindo um nível de conexão onde não só o fluxo de informação se alargam, mas os de interação, experienciação e comunicação também. Rede, no entanto, não implica em conexões com estabilidade absoluta, tão pouco são sempre inclusivas, mas também repletas de variações (muda uma coisa ou outra, por vezes modifica-se completamente) e exclusões (nem todos tem acesso ou decidem fazer parte da rede). O que talvez podemos dizer de forma precisa relativo ao fato de convivermos em rede é que: “Não há como negar que em nosso planeta abarrotado e intercomunicado dependemos uns dos outros e somos, num grau difícil de precisar, responsáveis pelas situações dos demais; enfim o que se faz em uma parte do planeta tem um alcance global” (PALLARES-BURKE apud BAUMAN, 2004).

As inter-relações, ou a falta destas, entre local e global interferem no fluxo sócio-cultural e sócio-histórico da civilização humana, bem como seus critérios de vigilância e distribuição do poder, que por sua vez, alteram o fluxo dos modos de ser e experienciar as circunstâncias de estar no mundo – oferecendo abertura para conservação (como movimento de persistência ou resistência) ou para renovação social.

O conceito de comunicação sintetiza relativo as circunstâncias mencionadas acima uma prática: contaminada e orientada pelo espaço, seja pelo que este desperta ou condiciona em relação aos sujeitos, seja pelas imaginações e ações que estes acrescentam a ele; em que o tempo é simultaneamente um contínuo e um específico que convinda os sujeitos a experienciar uma temporalidade sob os quais podem mobilizar memórias, previsões e acontecimentos coletivos ou individuais e tomá-los como referência de suas conversas; em que apesar de ser agenciada pela ordem social, cultural e institucional faz mover o fluxo sócio-cultural justamente pela possibilidade de formar redes que vão de encontro ou em

oposição a estas ordens; em que as redes global e a local afetam as formas que ela irá assumir – seja por sua conservação ou por sua renovação.

CONCLUSÃO

Percebemos que o conceito de comunicação é rico e engloba diferentes conceitos que permitem a compreensão de como a prática de fato pode funcionar. Por isso é tão importante ter a consciência de que a comunicação não é apenas os sujeitos ou objetos, a linguagem ou os discursos e enunciados construídos dentro desta, as interações e experiências, tampouco as circunstâncias (o espaço, o tempo, os acontecimentos, o sócio-histórico, o sócio-cultural) em que a prática é forjada. Mas é o conjunto desses elementos imbricados que engendram o conceito de comunicação. Mesmo que um elemento ou outro se mostre mais visível não se deve excluir a possibilidade de que os outros elementos estejam presentes. Precisamente a forma como o pesquisador se relaciona com o objeto recortado e o analisa minuciosamente é que concebe a melhor forma de se apropriar do conceito de comunicação como operador analítico em sua pesquisa.

Outra coisa que o prezado leitor possa vir a questionar, é que ao longo do artigo tenhamos trabalhado com uma forma redutora de ver a comunicação, já que as formas de realização desta prática são múltiplas hoje em dia ou que deveria ter dado mais destaque a mídia. Por mais múltiplas que sejam as formas de comunicação, cada uma com sua especificidade se realiza e necessita do envolvimento dos sujeitos; da forma como se apropriam da linguagem para formular e apreender os sentidos forjados na relação, dos modos como os sujeitos interagem e experienciam o Outro e as coisas, bem como esse Outro e as coisas se interagem e proporcionam experiências a este sujeito; das circunstâncias seja em uma outra das quais mencionamos anteriormente.

Já relativo a mídia creio que o conceito de midiaticização, que vem sendo trabalhado por diversos pesquisadores é mais apropriado e abrangente para tratar de um processo em contínua transformação, no qual a mídia exerce importância na forma como o comunicativo vem se desenvolvendo. Mesmo em estudos de midiaticização o próprio conceito de comunicação é utilizado com frequência.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Santo. Livro XI. In: **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 421p.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: **Ditos e escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 411-422.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** : v.11: Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 283 p.

FIRMINO, Rodrigo. DUARTE, Fábio. Manifestações e implicações de uma vida urbana ampliada. In: *IRIE - International Review of Information Ethics*, volume 12, 2010, p. 28-35.

LE GOFF, Jacques. Na Idade Média: tempo da Igreja e o tempo do mercador. In: **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. p. 43-60.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, volume 8 2ª edição, 2009, p. 110 - 116.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: nova teoria da comunicação III: tomo V**. São Paulo, 2010, p. 10-11.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zygmunt Bauman. **Tempo soc. [online]**. 2004, vol.16, n.1, pp. 301-325.

PINTO, Júlio. **O ruído e Outras Inutilidades: Ensaios de comunicação e semiótica**. Autêntica Editora, 1946, p. 7-10.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, n. 6, 2005, p. 59-75.

QUÉRÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga. OLIVEIRA, Luciana de (Organizadoras). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 21-38.

ROHDEN, Luiz. O tempo no tempo e na constituição da metafísica movente. In: *Síntese Revista de Filosofia*, volume 33, nº105, Janeiro-Abril de 2006, p. 53 - 75.

SANTOS, Luciene dos. Questões Teóricas do Pensamento Contemporâneo sobre a Comunicação. Belo Horizonte, Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), 2010. Anotações de uso doméstico sobre a aula envolvendo o pensamento relacional da Comunicação. Notas de aula.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: Fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.